

A PNEUMATOLOGIA DAS CONFISSÕES REFORMADAS
Temas trinitários, soteriológicos e eclesiológicos

THE PNEUMATOLOGY OF REFORMED CONFESSIONS
Trinitarian, soteriological and ecclesiological themes

Luciano Azambuja Betim*

RESUMO

O período subsequente à reforma tem sido denominado de ortodoxia protestante, na qual foram produzidas as grandes confissões de fé e catecismos. Neste artigo fazemos apontamentos históricos e apresentamos os principais elementos da pneumatologia reformada conforme ocorre nas confissões reformadas. O recorte recua nas confissões das igrejas reformadas holandesas (Confissão Belga e Catecismo de Heidelberg) e presbiterianas (Confissão e Catecismos de Westminster). A revisão de literatura interage com o texto das confissões e catecismos, dialogando com alguns autores da tradição reformada. Entre os temas destacamos: a divindade do Espírito, sua ação na regeneração, iluminação, santificação e concessão de carismas.

PALAVRAS-CHAVE: Catecismo e Confissão; Carismas; Iluminação; Pneumatologia, Santificação.

ABSTRACT

The period following the Reformation has been called Protestant orthodoxy, in which the great confessions of faith and catechisms were produced. In this article we make historical notes and present the main elements of reformed pneumatology as it occurs in the reformed confessions. The focus goes back to the confessions of the Dutch Reformed churches (Belgian Confession and Heidelberg Catechism) and Presbyterian churches (Westminster Confession and Catechisms). The literature review interacts with the text of the confessions and catechisms, dialoguing with some authors from the Reformed tradition. Among the themes we highlight: the divinity of the Spirit, its action in regeneration, illumination, sanctification and granting of charisms.

KEYWORDS: Catechism and Confession; Charismas; Lighting; Pnematology; Sanctification.

* Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR); Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) Pós-graduado em Teologia do Novo Testamento pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR). Graduado em Teologia pela Faculdade Evangélica do Paraná (FEPAR); Ministro Presbiteriano (IPB),
Email: lucianobetim@outlook.com

INTRODUÇÃO

O período subsequente à Reforma tem sido chamado de “ortodoxia protestante”. Uma forte característica foi o surgimento de diversos catecismos e confissões. Neste artigo objetivamos apresentar um breve apanhado das principais confissões e catecismos bem como identificar os elementos pneumatológicos e ênfases de cada documento. As igrejas reformadas holandesas subscrevem a Confissão Belga o Catecismo de Heidelberg (DOCUMENTOS DO SÍNODO, p.9). As igrejas presbiterianas subscrevem a Confissão e os Catecismos de Westminster (CONSTITUIÇÃO DA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL, 2023, p.16).

O propósito na confecção desses documentos de fé visa explicar o conteúdo doutrinário reformado nas igrejas. Um outro objetivo pretendia servir como guia de catequização, à medida que comunidades iam sendo estabelecidas nos países por toda a Europa continental e Ilhas Britânicas.

A tradição reformada sempre foi uma tradição confessional [...]. As confissões de fé funcionam como públicas afirmações de fé expositivas sobre o que as igrejas acreditam ser verdade sobre Deus [...]. As confissões reformadas desempenham um papel decisivo na vida das igrejas reformadas porque funcionam como guias para a interpretação da Escritura.

Na revisão de literatura interagimos com o texto das confissões e catecismos, dialogando com alguns autores da tradição reformada, entre eles Barth, Brunner e Moltmann. Na primeira parte uma breve introdução às confissões reformadas. Na segunda parte abordamos a divindade do Espírito. Na terceira parte o Espírito e as Sagradas Escrituras. Na quarta parte o Espírito e sua relação com temas soteriológicos. Na quinta parte o Espírito e as questões eclesiológicas, com destaque para os carismas e operações do Espírito.

1. CONFISSÕES REFORMADAS: UM BREVE HISTÓRICO

As Igrejas de tradição reformada, denominadas calvinistas, se estabeleceram na Europa continental e Ilhas Britânicas. Essas comunidades não nasceram no vácuo da história teológica. É salutar que as “Igrejas protestantes não hesitaram em integrar neles os Símbolos antigos (o dos Apóstolos, o niceno-constantinopolitano e o de Atanásio)” (BHÜHLER, 2014, p.420). Nesse sentido, há uma continuidade de fé ecumênica conforme professada nos credos antigos da Igreja.

Na reforma foram elaborados outros documentos confessionais. Em nosso recorte abordaremos as confissões da igreja da Holanda (reformada) e da Igreja da Escócia (presbiteriana). A igreja da Holanda subscreve *A Confissão Belga, O Catecismo de Heidelberg e Os Cânones de Dort* (AS TRÊS FORMAS DE UNIDADE, 2009, p.). As igrejas reformadas nas Ilhas Britânicas, denominadas de “Presbiterianas”, têm suas crenças principais expressas por meio da *Confissão de Fé de Westminster, Catecismo Maior e Breve* (SÍMBOLOS DE FÉ DA IGREJA PRESBITERIANA, 2014, p.). Embora com nomes e características diferentes, o conteúdo teológico desses Símbolos de Fé segue o mesmo padrão doutrinário calvinista.

A Confissão Belga é o primeiro Símbolo de Fé das Igrejas Reformadas da Holanda. Esse documento fora elaborado por Guido de Brès, no ano de 1561, tendo

em seu conteúdo uma introdução aos grandes temas doutrinários em perspectiva calvinista (AS TRÊS FORMAS DE UNIDADE, 2009, p.11). Seu conteúdo segue a teologia de João Calvino. *A Confissão Belga* foi:

[...] imediata e alegremente recebida pelas igrejas dos Países Baixos e adotada pelos Sínodos Nacionais convocados nas últimas três décadas do Século XVI. Depois de uma criteriosa revisão, não de conteúdo, mas textual, o grande Sínodo de Dort de 1618/1619 adotou como um dos padrões doutrinários das Igrejas Reformadas, a qual requer a subscrição de todos os seus oficiais eclesiásticos. É amplamente reconhecida a sua excelência como uma das melhores declarações simbólicas da fé Reformada (AS Três Formas de Unidade das Igrejas Reformadas (AS TRÊS FORMAS DE UNIDADE, 2009, p.11).

O segundo Símbolo de Fé das Igrejas da Holanda é o *Catecismo de Heidelberg*. Esse documento foi elaborado a pedido do príncipe eleitor Frederico III, um piedoso príncipe cristão (AS TRÊS FORMAS DE UNIDADE, 2009, p.11). Dois grandes teólogos Reformados – Zacarias Ursinos e Gaspar Olevianus – foram os responsáveis pela elaboração desse documento, sendo o primeiro professor na Universidade de Heidelberg e o segundo, pregador da corte (As Três Formas de Unidade, 2009, p.11). Esse catecismo foi publicado na Alemanha no ano de 1563, dividido em cinquenta e dois domingos, para ser estudado e pregado nos cultos dominicais das Igrejas reformadas.

A reforma se espalhou a partir de Genebra para toda a Europa, sendo acolhida também nas Ilhas Britânicas. Por convocação do Parlamento da Inglaterra, reuniu-se um concílio para tratar de assuntos teológicos, sediado na Abadia de Westminster entre os anos de 1643 a 1649 (Símbolos de Fé da Igreja Presbiteriana, 2014, p.9). Nessa região, as igrejas reformadas foram denominadas de Presbiterianas. Isso ocorreu como resultado de sua organização de governo eclesiástico adotado, o qual consistia basicamente em uma pluralidade de presbíteros na igreja local, de acordo com o que fora estabelecido na reforma em Genebra, por Calvino.

Na assembleia de Westminster,

Os teólogos mais eruditos daquele tempo tomaram parte nos trabalhos da Assembleia. A Confissão de Fé e os Catecismos foram discutidos ponto por ponto, aproveitando-se o que havia de melhor nas Confissões já formuladas, e o resultado foi a organização de um sistema de doutrina cristã baseado nas Escrituras e notável por sua coerência em todas as suas partes (SÍMBOLOS de Fé da Igreja Presbiteriana, 2014, p.10-11).

Os Símbolos de Fé de Westminster são compostos por três principais documentos: A Confissão de Fé de Westminster, na forma de uma declaração de Fé; o Catecismo Maior de Westminster, destinado à instrução de adultos, e o Breve Catecismo de Westminster, voltado à catequese infantil. Esse material tem sido publicado num único volume sob o nome “Símbolos de Fé das Igrejas Presbiterianas”, servindo de elo doutrinário entre Igrejas Presbiterianas no mundo todo. Muitas igrejas independentes e outras que seguem e professam a fé reformada também adotam esses documentos confessionais.

A subscrição confessional é um elemento importante para as igrejas reformadas. Conforme Mottu (2016, p.350-351), “no protestantismo, a confissão de fé tem três funções. A primeira é litúrgica [...]. Sua segunda função é doutrinária

[...]. Por fim, a terceira função da confissão de fé é a reformulação da fé de todos os tempos, em época e circunstâncias precisas”. Pottier (2014, p.418) observa que a fé cristã, tanto no sentido de conteúdo doutrinal quanto na experiência subjetiva, é suscitada pela graça de Deus e se manifesta de diversas formas, seja por meio das orações, liturgias ou como demarcação de posicionamento diante das heresias.

2. O ESPÍRITO, TRINDADE E DIVINDADE

O dogma da Santíssima Trindade é essencial na teologia, dentro das mais variadas tradições. Pierre Gisel (2016, p.1786) observa que é comum falar em “Trindade imanente (as obras *ad intra*, no próprio Deus); e Trindade econômica (suas obras *ad extra*, em uma relação com a criação, com a história e com a ordem da existência cristã e eclesial)”. O artigo oitavo da Confissão Belga (2009, p.17), diz: “Cremos em um só Deus, uno na essência, em quem há três pessoas distintas – de modo real, verdadeiro e eterno – conforme os seus atributos incomunicáveis: o Pai, o Filho e o Espírito Santo”. Ainda, segundo a Confissão Belga (2009, p.17), o Espírito Santo é o eterno poder e força que procede do Pai do Filho. Nessas afirmações, o Espírito Santo aparece no contexto da doutrina da Santíssima Trindade.

Quanto à divindade do Espírito Santo, é claramente ensinada no artigo 11:

Cremos e confessamos também que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho desde a eternidade. Ele não foi feito, nem criado, nem gerado; pode-se afirmar apenas que Ele procede de ambos. Ele é, pela ordem, a Terceira Pessoa da Trindade, de igual substância, majestade e glória com o Pai e o Filho, verdadeiro e eterno Deus, conforme nos ensinam as Sagradas Escrituras (CONFISSÃO BELGA, 2009, p. 20).

A divindade do Espírito Santo ocorre também no segundo dos padrões doutrinários das Igrejas Reformadas da Holanda, o Catecismo de Heidelberg. Esse documento foi redigido em forma de perguntas e respostas. Como resposta à pergunta 53, “O que você crê sobre o Espírito Santo?”, diz o Catecismo: “Creio que Ele é verdadeiro e eterno Deus, juntamente com o Pai e o Filho. Segundo: Creio que Ele foi dado também a mim (CATECISMO DE HEIDELBERG, 2009, p.66)”. A divindade do Espírito Santo e a Sua habitação na vida interior do cristão é o ponto fundamental nessa declaração.

Um tema pneumatológico central no cristianismo histórico está relacionado com a doutrina da encarnação de Jesus. A encarnação corre como obra do Espírito:

Que confessa você quando diz que Cristo: “foi concebido por obra do Espírito Santo; nasceu da virgem Maria”? R. O eterno Filho de Deus, o qual é e permanece Deus verdadeiro e eterno, tomou sobre Si a verdadeira natureza humana da carne e do sangue da virgem Maria, pela operação do Espírito Santo. Por isso, Ele é também a verdadeira semente de Davi, semelhante a Seus irmãos em tudo, porém, sem pecado (CONFISSÃO BELGA, 2009, p.20).

Na Confissão de Westminster, a pneumatologia também é desenvolvida em conexão com o dogma da Santíssima Trindade. Conforme a redação confessional “o Filho de Deus, a segunda pessoa da Trindade, sendo verdadeiro Deus e verdadeiro homem [...] concebido pelo poder do Espírito Santo, no ventre da virgem Maria (CONFISSÃO DE WESTMINSTER, 2014, p.43). Jesus Cristo é verdadeiro

Deus e verdadeiro homem. Sua divindade e humanidade é um aspecto central para a teologia cristã. A confissão aborda mais detalhadamente, enfatizando que

Na unidade da Divindade há três pessoas de uma mesma substância, poder e eternidade - Deus o Pai, Deus o Filho e Deus o Espírito Santo, O Pai não é de ninguém - não é nem gerado, nem procedente; o Filho é eternamente gerado do Pai; o Espírito Santo é eternamente procedente do Pai e do Filho (CONFISSÃO DE WESTMINSTER, 2014, p.29).

Iniciamos este tópico observando a diferença entre Trindade Econômica Trindade Ontológica. Em relação a esta última, Barth (2005, p.53) salienta que “Não existem três divindades, não há em Deus divisão e ruptura [...]. A Trindade fala, pelo contrário [...] de um único e mesmo Deus [...]. Deus criando o mundo com Jesus Cristo e agindo pelo Espírito Santo”. Essa observação barthiana é importante. A história eclesial mostra vários desvios relacionados com o dogma da Trindade. Alguns grupos na atualidade negam a divindade de Jesus e do Espírito Santo. Outros, se voltam para a velha heresia do unicismo ou modalismo.

3. O ESPÍRITO SANTO E AS SAGRADAS ESCRITURAS

A Bíblia é veículo da comunicação divina, mas não único. Deus se revela na natureza ou revelação cósmica. Brunner (2007, p.36), argumenta: “Deus escreveu sua lei no interior de cada coração; todo mundo conhece algo de certo e errado, de bom e mal [...]. Ali também existe uma consciência, que de acordo com essa regra secreta julga ação, consentido ou rejeitando”. Mas a revelação se dá com mais detalhes nas Sagradas Escrituras. Para Barth (2006, p.120), “A Bíblia não é um livro de receitas, é um documento único da revelação divina. É preciso que a revelação nos fale de maneira que possamos compreendê-la”.

Nesse sentido, as confissões abordam a relação entre a Inspiração da Bíblia e o processo de iluminação. Os temas são abordados nos capítulos 3 e 5 da Confissão Belga. As Sagradas Escrituras não elaboração textual da pretensão humana, mas registro da vontade de Deus, divinamente inspirada pelo Espírito Santo (CONFISSÃO BELGA, 2009, p. 2005, p.53). Essa inspiração não depende tanto da recepção por parte da igreja, mas principalmente ocorre através da ação do Espírito Santo, que testifica no coração dos fiéis (CONFISSÃO BELGA, 2009, p. 14). Nesse sentido, tanto a origem quando a iluminação são frutos da atividade do Espírito Santo.

O primeiro capítulo da Confissão de Fé de Westminster faz referência ao Espírito Santo em conexão com a Inspiração das Sagradas Escrituras. De acordo com a Confissão de Fé de Westminster (2014, p. 24-25), é somente por meio da iluminação do Espírito, operando e testificando no interior do coração do cristão, que a Palavra de Deus é aceita, e suas verdades são também compreendidas. Para Pannenberg (2009, p.156), a essa ação iluminadora do Espírito antecipa a realidade do Reino escatológico que está por vir.

4. O ESPÍRITO SANTO E AS QUESTÕES SOTERIOLÓGICAS

A ação do Espírito permeia temas de natureza soteriológica. Welker destaca que (2010, p.63), experiências de perdão, renascimento, justiça de Deus e outros, estão ente as principais ações do Espírito. Especialmente sobre justiça e justificação

pela fé, assunto central na teologia da reforma, a Confissão Belga (2009, p.29), enfatiza que o Espírito Santo é aquele que inicia a fé no coração do cristão, objetivando a apropriação de Cristo e Seus méritos. A justificação é uma obra da graça. Não se inicia por vontade própria. Ela é externa.

Outro assunto relacionado à soteriologia é a santificação. A comunidade do povo de Deus pode declarar: “Cremos que esta fé verdadeira operada no homem pelo ouvir da Palavra de Deus e pelo agir do Espírito Santo, que o regenera e torna-o um novo homem; faz com que viva uma vida nova e o liberta da escravidão do pecado (CONFISSÃO BELGA, 2009, p. 2009, p.30)”. Nesse sentido, a ação do Espírito possibilita o crescimento por meio das obras santificantes da graça, operadas pelo Espírito.

A experiência da caminhada cristão é auxiliada pela obra do Espírito. Conforme o Catecismo de Heidelberg (2009, p. 2009, p.36), é por meio da ação do Espírito Santo que o cristão é renovado e se torna capaz de viver uma vida santa diante de Deus, tornando-se, assim, membro do corpo de Cristo. Conforme o entendimento confessional, o Espírito Santo foi enviado, após a Ascensão do Senhor Jesus Cristo, como uma garantia, objetivando que, por meio de seu poder, o povo de Deus se volte para as coisas espirituais (CATECISMO DE HEIDELBERG, 2009, p. 2009, p.65). É através da habitação do Espírito, da ação do Espírito que o cristão desfruta do fortalecimento espiritual.

A soteriologia da Confissão de Fé de Westminster apresenta várias referências em relação aos elementos soteriológicos. A teologia reformada fala em chamado geral e chamado eficaz. Conforme a Confissão de Westminster (2014, p. 2014, p.49-50), o chamado eficaz é realizado no coração do pecador por meio da ação do Espírito, vivificando-o e habilitando-o a receber a graça de Deus. As boas obras, ou seja, os frutos da santificação, são possíveis somente quando operadas pela ação santificante do Espírito.

O poder de fazer boas obras não é de modo algum dos próprios fiéis, mas provém inteiramente do Espírito de Cristo. A fim de que sejam para isso habilitados, é necessário, além da graça que já receberam, uma influência positiva do mesmo Espírito Santo para obrar neles o querer e o perfazer segundo o seu beneplácito; contudo, não devem por isso tornar-se negligentes, como se não fossem obrigados a cumprir qualquer dever senão quando movidos especialmente pelo Espírito, mas devem esforçar-se por estimular a graça de Deus que há neles (CONFISSÃO DE WESTMINSTER, 2014, p. p.61).

Essa ação santificadora está relacionada com a doutrina da perseverança dos santos. Trata-se de um tema fundamental na tradição reformada. Na perspectiva da Confissão de Fé de Westminster (2014, p.64), essa perseverança dos salvos só é possível porque Deus os aceitou, os santificou pelo seu Espírito e, por meio da permanência neles do Espírito Santo, são, então, capazes de perseverar. Na ação do Espírito, Deus cuida de “suas criaturas, tomando conta delas, orientando-as, conservando-as e protegendo-as” (BÜHLER, 2016, p.1402). Nesse sentido, este tema se reveste de relevância pastoral diante das vicissitudes da vida.

5. O ESPÍRITO SANTO, ECLESIOLOGIA, CARISMAS E ORAÇÃO

A igreja é criação do Espírito. Ela nasce do Espírito, mas por ele é nutrida. Para Moltmann (2013, p.59-60), “a Igreja como a comunidade de pecadores

justificados, das pessoas libertas [...], vive no Espírito Santo e é nisto, ela mesma, início e sinal do futuro da nova criação [...]. A igreja é uma criatura escatológica do Espírito Santo”. O papel do Espírito em conexão com a eclesiológica aparece no capítulo 28 da Confissão Belga. É destacada a importância de se juntar à igreja visível, a congregação local, onde, por meio dos talentos ou carismas, cada qual pode servir ao próximo, cooperando para sua edificação no corpo (CONFISSÃO BELGA, 2009, p.36). Viver em comunidade é servir aqueles que estão ali presentes.

Esse servir ocorre por meio dos carismas. É tema relacionado com o fruto da atuação do Espírito na vida comunitária do povo de Deus. Segundo o Catecismo de Heidelberg (2009, p.67), “todos os crentes, juntos [...] participam de todos os Seus tesouros e dons [...] cada um tem o dever de usar os seus dons com disposição e alegria para o benefício e o bem-estar dos outros membros. Esses dons, juntamente com o enchimento do Espírito, são concedidos, por meio da oração. Por enchimento do Espírito, o Catecismo faz referência àquela experiência de plenitude, por meio da qual os dons espirituais operam na igreja (CATECISMO DE HEIDELBERG, 2009, p.65).

A teologia ou a pneumatologia dos carismas ocorre no capítulo XXXIV, da Confissão de Westminster. Trata-se de um capítulo em forma de emenda na Confissão de Fé de Westminster, realizada em 1903 pela igreja presbiteriana americana. Em algumas edições da versão utilizada pela Igreja Presbiteriana do Brasil, esse capítulo ocorre no corpo do texto. Em outras edições, em nota de rodapé, para diferenciar do texto histórico da Assembleia de Westminster de 1647.

Esse importante tópico trata dos carismas ministeriais na vida dos oficiais ordenados, e aos leigos na igreja:

Pela presença do Espírito Santo nos seus corações, todos os crentes, estando intimamente unidos a Cristo, a Cabeça, estão assim unidos uns aos outros na Igreja, que é o seu corpo. Ele chama e unge os ministros para o seu santo ofício, prepara todos os outros oficiais na Igreja para o seu trabalho especial e concede vários dons e graças aos demais membros (CONFISSÃO DE WESTMINSTER, 2014, p. 2014, p.13).

Além dos carismas do Espírito, os *Símbolos de Westminster* tratam da oração como um elemento transversal da ação do Espírito. O Catecismo Maior de Westminster (2014, p.64), diz: “Não sabendo nós o que havemos de pedir, como convém, o Espírito nos assiste em nossa fraqueza, habilitando-nos a saber por quem, pelo quê, e como devemos orar [...] aquelas apreensões, afetos e graças que são necessários [...]. Todo o povo de Deus é chamado para desenvolver a disciplina da oração. Ela se torna eficaz, tornando-se um meio de graça, quando potencializada pelo Espírito.

O exercício da oração como disciplina espiritual é prática da vida interior e litúrgica. Moltmann (2002, p.19-20) observa que todas “As orações ao Espírito Santo baseiam-se [sic.] todas no pedido pela vinda do Espírito. Isso é algo singular, chamado na tradição cristã de epiclesse do Espírito Santo visa a sua presença abrangente”. A epiclesse não ocorre somente na consagração dos elementos. A vida cristã nasce e se desenvolve na atuação pneumatológica.

Novamente, destaca, Moltmann (2002, p.20): “O Espírito é mais que uma dádiva de Deus, entre outras. O Espírito Santo é a presença irrestrita de Deus, na qual nossa vida desperta, em que é integralmente vivificada e dotada das forças da vida”. Nesse sentido, é por meio da ação pneumática que a igreja se desenvolve,

serve e vive a unidade. Brunner (2007, p.26) salientar que “O Espírito Santo que o fortalece para a oração e para o serviço é o mesmo Espírito que [...] une em um só coração com os cristãos”. Para a teologia reformada, o exercício da oração, seja no âmbito pessoal quando comunitária, é fruto da ação dinâmica e potencializadoras do Espírito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na introdução destacamos o surgimento das confissões reformadas, tanto no período da reforma como na chamada “ortodoxia protestante”. Outras confissões foram sendo produzidas, na medida em que as igrejas reformadas entendiam as necessidades dos tempos e ocasiões. Essas confissões e catecismos abordaram os temas centrais das doutrinas fundamentais do cristianismo. A realidade do individualismo da pós-modernidade é contrastada com o papel das confissões na vida da igreja:

As confissões têm sido utilizadas para a educação de líderes e membros da Igreja na correta interpretação das Escrituras e da tradição da Igreja, bem como para proteção contra o perigo de indivíduos ou grupos selecionarem da Bíblia ou da tradição da Igreja somente aquilo que confirme suas opiniões e desejos pessoais (IGREJA PRESBITERIANA DO BRASI, 1998, p.7).

A ação do Espírito vem para produzir unidade. Portanto, em nosso recorte propomos abordar a pneumatologia das confissões reformadas, em diálogo com alguns dos principais teológicos da tradição reformada. A ênfase da pneumatologia reformada nas confissões. Interagimos com o texto das confissões e catecismos, e procuramos dialogar com alguns autores da tradição reformada, entre eles Barth, Brunner e Moltmann. Após uma breve apresentação das confissões reformadas, abordamos a divindade do Espírito, o Espírito e as Sagradas Escrituras, o Espírito e sua relação com a soteriologia, o Espírito e as questões eclesiológicas, com destaque para os carismas operantes na igreja.

As confissões não visam nos congelar no tempo. As confissões responderam as necessidades de uma determinada época. Regatar a pneumatologia confessional reformada em diálogo com teólogos mais recentes, ajuda-nos a trazer respostas para as demandas desta época. Nesse sentido, ensino confessional sobre a obra do Espírito continua sendo necessário. A ação trinitária, a Palavra de Deus e os desafios da igreja do século 21, são oportunidades para uma ressignificação dos principais aspectos da obra do Espírito na pós-modernidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AS TRÊS FORMAS DE UNIDADE DAS IGREJAS REFORMADAS. Recife, PE: Clire, 2009.

BARTH, Karl. **Comentário ao Credo Apostólico.** São Paulo: Editora Novo Século, 2005.

BARTH, Karl. **Esboço de uma Dogmática.** São Paulo: Fonte Editorial, 2006.

BRUNNER, Emil. **Epístola aos Romanos**. São Paulo: Fonte Editorial, 2007.

BREVE CATECISMO DE WESTMINSTER. In: **Símbolos de Fé da Igreja Presbiteriana**. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

BHÜHLER, Pierre. **Confissões de Fé**. In: LACOSTE, Jean-Yves (Org.). **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Edições Loyola : Paulinas, 2014.

BÜHLER, Pierre. **Predestinação e Providência**. In: GISEL, Pierre (Org.). **Enciclopédia do protestantismo**. São Paulo: Hagnos, 2016.

CATECISMO DE HEIDELBERG. In **As Três Formas de Unidade das Igrejas Reformadas**. Recife, PE: Clire, 2009.

CATECISMO MAIOR DE WESTMINSTER. In: **Símbolos de Fé da Igreja Presbiteriana**. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

CONFISSÃO BELGA. In **As Três Formas de Unidade das Igrejas Reformadas**. Recife, PE: Clire, 2009.

CONFISSÃO DE WESTMINSTER. In: **Símbolos de Fé da Igreja Presbiteriana**. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

CONSTITUIÇÃO DA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL . In: **Manual Presbiteriano**. São Paulo: Cultura Cristã, 2023.

CONSTITUIÇÃO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS REFORMADAS NO BRASIL. In: **Documentos do Sínodo**. Castrolanda, PR: IERB, 2010.

GISEL, Pierre. **Trindade**. In: GISEL, Pierre (Org.). **Enciclopédia do protestantismo**. São Paulo: Hagnos, 2016.

IGREJA PRESBITERIANA. In: **Grandes temas da tradição reformada**. São Paulo: Pendão Real, 1998.

MOLTMANN, Jürgen. **A fonte da vida: O Espírito e a teologia da vida**. São Paulo: Loyola, 2002.

MOLTMANN, Jürgen. **A igreja no poder do Espírito**. Santo André, SP: Academia Cristã, 2013.

MOTTU, Henry. **Confissão de Fé**. In: GISEL, Pierre (org.) **Enciclopédia do protestantismo**. São Paulo: Hagnos, 2016.

PANNENBERG, Wolfhart. **Teologia sistemática - Volume II**. Santo André; São Paulo: Editora Academia Cristã Ltda, Paulus, 2009.

POTTIER, Bernard. **Confissões de Fé**. In: LACOSTE, Jean-Yves (Org.). **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Edições Loyola : Paulinas, 2014.

SÍMBOLOS DE FÉ DA IGREJA PRESBITERIANA. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

WELKER, Michael. **O Espírito de Deus**: Teologia do Espírito Santo. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2010.